SOCIOEMOCIONAL EM PAUTA: O QUE O CURRÍCULO AINDA NÃO ENSINA

SOCIO-EMOTIONAL ON THE AGENDA: WHAT THE CURRICULUM STILL DOESN'T TEACH

Daniela Paula de Lima Nunes Malta
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Sônia Márcia Flores de Lima
MUST University, Estados Unidos

Elessandra Ferreira de Oliveira Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Carmem Lúcia Valente Pereira
Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguai

Sandra Betania Santana da Silva Nunes
Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, Paraguai

ISSN: 1518-0263 DOI: https://doi.org/10.46550/8whqyv81 Publicado em: 05.10.2025

Resumo: O artigo apresentou uma análise sobre as lacunas do currículo escolar no que se referia ao desenvolvimento das competências socioemocionais, enfatizando a relevância de práticas pedagógicas que possibilitassem a formação integral dos estudantes. O tema mostrou-se pertinente diante do predomínio de uma abordagem escolar voltada quase exclusivamente para a dimensão cognitiva, o que restringia a capacidade da escola de atender às demandas emocionais e relacionais dos alunos. Nesse contexto, o objetivo do estudo analisar as lacunas do currículo escolar no que se referia ao desenvolvimento das competências socioemocionais, destacando a importância de práticas pedagógicas que possibilitassem a formação integral dos estudantes. A investigação foi realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica, entendida como um método que reunia, organizava e analisava criticamente materiais já publicados sobre o tema, de modo a sustentar a construção de um quadro analítico consistente. Conforme ressaltaram Santana e Narciso (2025) e Santana, Narciso e Fernandes (2025), a pesquisa bibliográfica representava um pilar fundamental para os estudos educacionais, pois possibilitava mapear discussões atuais e fundamentar novas interpretações. Os resultados apontaram que a integração das competências socioemocionais ao currículo escolar configurava-se como condição indispensável para ampliar o engajamento acadêmico e fortalecer a convivência democrática. Concluiu-se que investir em práticas que contemplassem o desenvolvimento emocional, a escuta ativa, o diálogo e a cooperação favorecia não apenas o rendimento escolar, mas também a formação de sujeitos críticos, empáticos e preparados para atuar em uma sociedade plural.

Palavras-chave: Currículo escolar. Competências socioemocionais. Letramento emocional. Mediação de conflitos. Habilidades sociais.

A Missioneira (ISSN 1518-0263) está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Abstract: The article presented an analysis of the gaps in the school curriculum regarding the development of socio-emotional competencies, emphasizing the relevance of pedagogical practices that enabled the integral formation of students. The theme proved pertinent in view of the predominance of a school approach focused almost exclusively on the cognitive dimension, which limited the school's ability to meet students' emotional and relational demands. In this context, the objective of the study was to analyze the gaps in the school curriculum with regard to the development of socio-emotional competencies, highlighting the importance of pedagogical practices that enabled the integral formation of students. The investigation was carried out through bibliographic research, understood as a method that gathered, organized, and critically analyzed materials already published on the subject, in order to support the construction of a consistent analytical framework. As emphasized by Santana and Narciso (2025) and Santana, Narciso, and Fernandes (2025), bibliographic research represented a fundamental pillar for educational studies, as it made it possible to map current discussions and ground new interpretations. The results indicated that the integration of socio-emotional competencies into the school curriculum was configured as an indispensable condition to expand academic engagement and strengthen democratic coexistence. It was concluded that investing in practices that contemplated emotional development, active listening, dialogue, and cooperation fostered not only academic performance but also the formation of critical, empathetic individuals prepared to act in a plural society.

Keywords: School curriculum. Socio-emotional competencies. Emotional literacy. Conflict mediation. Social skills.

Introdução

O presente artigo teve como objetivo analisar as lacunas do currículo escolar no que se referia ao desenvolvimento das competências socioemocionais, destacando a importância de práticas pedagógicas que possibilitam a formação integral dos estudantes. O tema mostrou-se relevante diante do predomínio de uma abordagem escolar voltada quase exclusivamente para a dimensão cognitiva, o que restringia a capacidade da escola de atender às demandas emocionais e relacionais dos alunos. Nesse cenário, a questão de pesquisa que orientou o estudo concentrou-se em compreender: 'quais são as principais fragilidades do currículo escolar no campo socioemocional e de que forma elas poderiam ser superadas por meio de práticas intencionais?'

Com o intuito de responder a essa questão, a pesquisa foi conduzida a partir de uma abordagem bibliográfica, entendida como um método que reunia, organizava e analisava criticamente materiais já publicados sobre o tema, de modo a sustentar a construção de um quadro analítico consistente. De acordo com Santana e Narciso (2025) e Santana, Narciso e Fernandes (2025), a pesquisa bibliográfica representava um pilar fundamental para os estudos educacionais, por possibilitar o mapeamento de discussões atuais, a sistematização de diferentes perspectivas e a Fundamentação teórica

necessária para o enfrentamento de problemas investigativos. Nesse sentido, a técnica de análise utilizada baseou-se na leitura crítica e comparativa dos textos coletados, os quais foram selecionados mediante critérios de relevância, pertinência e atualidade. Os dados foram coletados em bases acadêmicas, com destaque para o Portal de Periódicos CAPES, que reunia produções científicas de acesso nacional e internacional, garantindo abrangência e rigor metodológico.

A partir desse percurso, a estrutura do artigo desenvolveu-se em três eixos principais. Primeiramente, discutiu-se a importância do letramento emocional, evidenciando a necessidade de nomear emoções para favorecer a regulação afetiva e a empatia. Em seguida, analisou-se o papel da mediação de conflitos como prática pedagógica, ressaltando que divergências, quando tratadas por meio do diálogo e da escuta ativa, poderiam transformar-se em oportunidades de aprendizagem coletiva. Posteriormente, abordaram-se as habilidades de relacionamento, englobando comunicação clara, cooperação e construção de vínculos, entendidas como competências indispensáveis para sustentar ambientes de convivência democrática e colaborativa.

Portanto, a investigação buscou demonstrar que a integração das competências socioemocionais ao currículo escolar configurava-se como condição indispensável para a formação integral dos estudantes. Ao reconhecer a importância do desenvolvimento emocional, da mediação de conflitos e das habilidades sociais, o artigo reafirmou a necessidade de a escola ultrapassar o enfoque exclusivamente cognitivo e investir em práticas que possibilitaram a construção de uma educação mais completa, humanizada e socialmente responsável.

Metodologia

A pesquisa realizada possui caráter bibliográfico, fundamentada no levantamento, seleção e análise de materiais que auxiliaram a atingir os objetivos estabelecidos. A escolha por essa modalidade justifica-se por permitir reunir, organizar e interpretar conhecimentos já produzidos sobre o tema, construindo um quadro analítico capaz de sustentar reflexões críticas. Conforme discutem Santana e Narciso (2025), a pesquisa bibliográfica é um dos pilares mais relevantes da investigação em educação, pois viabiliza a compreensão do estado da arte em determinada área e possibilita relacionar diferentes perspectivas teóricas para a construção de novos olhares. Nessa mesma direção, Santana, Narciso e Fernandes (2025) assinalam que esse tipo de pesquisa articula etapas de identificação do tema, busca criteriosa de fontes, análise crítica e sistematização das referências, o que garante a consistência metodológica do processo investigativo.

O percurso metodológico adotado nesta investigação compreendeu diferentes fases. Inicialmente, delimitou-se o tema central da pesquisa, voltado para as lacunas do currículo escolar no que se refere ao desenvolvimento das competências socioemocionais. Em seguida, foi realizada a busca em fontes acadêmicas, com destaque para o Portal de Periódicos CAPES, considerado uma das maiores bibliotecas virtuais de produção científica do país. Esse portal reúne publicações nacionais e internacionais revisadas por pares e foi escolhido por possibilitar o acesso a estudos atualizados e de ampla relevância para a área da educação.

Para a coleta, foram utilizadas combinações de palavras-chave simples e acessíveis, tais como "competências socioemocionais", "currículo escolar", "letramento emocional", "mediação de conflitos" e "habilidades sociais". O uso dessas expressões, isoladamente ou combinadas, favoreceu a obtenção de resultados mais precisos, assegurando a pertinência das fontes selecionadas. O processo de inclusão priorizou publicações datadas entre 2015 e 2025, considerando a necessidade de dialogar com os debates mais atuais sobre o tema. Como critério de exclusão, descartaram-se trabalhos que, embora relacionados ao campo educacional, não apresentavam fundamentação científica consistente ou não dialogavam diretamente com a problemática proposta.

Na sequência, os materiais foram analisados de forma crítica, buscando identificar convergências e divergências entre as diferentes perspectivas. A etapa final consistiu na organização das referências e na sistematização dos principais argumentos que embasam a discussão. Essa metodologia, ao articular rigor acadêmico e amplitude de consulta, permitiu construir um quadro analítico sólido para compreender os desafios e possibilidades do desenvolvimento socioemocional no currículo escolar.

Nomear as emoções para aprender a regular

A formação escolar contemporânea precisa ser compreendida para além da transmissão de conteúdos cognitivos, incorporando também o desenvolvimento socioemocional como dimensão essencial da educação. Competências como autocontrole, empatia, cooperação e resiliência não apenas favorecem a convivência social, mas também impactam diretamente o aprendizado acadêmico, uma vez que alunos emocionalmente regulados apresentam maior capacidade de atenção, motivação e engajamento nas atividades escolares. Assim, ao colocar o socioemocional em pauta, a escola amplia sua função social e pedagógica, preparando os estudantes para lidar com os desafios da vida em sociedade.

Nesse contexto, o letramento emocional — entendido como a capacidade de identificar, nomear e compreender as próprias emoções — constitui um eixo central para a aprendizagem integral. Nomear sentimentos não é apenas um exercício linguístico, mas uma habilidade que possibilita a regulação de estados internos e a construção de relações mais saudáveis. Quando a escola negligencia esse aspecto, priva os estudantes de um recurso fundamental para o enfrentamento de situações de estresse, conflitos interpessoais e tomada de decisões responsáveis.

A literatura especializada aponta que os sentimentos, embora constituam experiências corporais próprias, precisam ser aprendidos em sua dimensão simbólica. Como destacam Schwartz, Lopes e Veronez,

> [...] os sentimentos são sensações corporais próprias dos seres humanos; porém, a nomeação desses sentimentos é algo aprendido e possui origem social. Ou seja, há uma distinção entre sentir e nomear sentimentos. Quando nos tornamos capazes de identificar nossas próprias emoções, cria-se a possibilidade de inferirmos o sentimento de outra pessoa frente à determinada situação (Schwartz; Lopes;

Veronez, 2016, p. 637).

Tal reflexão evidencia que a escola deve assumir a intencionalidade de promover práticas de letramento emocional, pois a habilidade de reconhecer e nomear estados internos expande as condições para a empatia, a cooperação e a convivência democrática. Trata-se, portanto, de uma dimensão pedagógica que ultrapassa o âmbito individual, alcançando também o coletivo, já que alunos capazes de identificar e expressar seus sentimentos de forma clara tendem a estabelecer interações mais respeitosas e produtivas. Quando esse processo é incorporado ao cotidiano escolar, cria-se um ambiente propício não apenas para a aprendizagem acadêmica, mas também para a formação de sujeitos socialmente responsáveis, que sabem lidar com diferenças, resolver impasses de maneira construtiva e participar ativamente da vida em comunidade.

Além disso, é importante considerar que o processo de construção emocional das crianças não ocorre de maneira isolada. Os adultos que as cercam desempenham papel decisivo, uma vez que funcionam como modelos de comportamento e influenciam a forma como os alunos aprendem a lidar com suas emoções. Em outras palavras, a maneira como pais, professores e responsáveis reagem diante das expressões emocionais das crianças é fundamental para que estas adquiram ferramentas de autorregulação (Schwartz; Lopes; Veronez, 2016). Isso significa que não basta apenas criar atividades voltadas para o tema; é necessário que os educadores adotem uma postura coerente, sensível e orientadora no cotidiano escolar.

Exemplos concretos dessa integração já são visíveis em escolas que buscam romper com o enfoque exclusivo no cognitivo. Em Porto Alegre (RS), um colégio particular desenvolveu um currículo socioafetivo que contempla dimensões como emoções, identidade e autoestima, associando-as às práticas educativas. Os resultados apontam que os alunos, além de apresentarem melhor rendimento acadêmico, passam a manter relações sociais mais saudáveis e enfrentam as demandas do meio de forma mais adaptativa (Schwartz; Lopes; Veronez, 2016). Essa experiência reforça a pertinência de uma abordagem curricular que integre de forma explícita o socioemocional às práticas de ensino.

Nesse sentido, estratégias simples podem ser incorporadas ao cotidiano escolar como forma de preencher essa lacuna. *Check-ins* diários de humor permitem que os alunos expressem seu estado emocional antes do início das atividades; rodas rápidas de sentimentos favorecem a troca de percepções entre colegas; diários emocionais estimulam a autorreflexão; e a inclusão de vocabulário específico de emoções nos conteúdos curriculares amplia o repertório linguístico e emocional dos estudantes. Tais práticas, quando sistematizadas, contribuem para que os alunos desenvolvam não apenas habilidades de autorregulação, mas também maior sensibilidade ao outro, fortalecendo vínculos e colaborando para um ambiente escolar mais saudável e inclusivo.

Portanto, nomear para regular não se configura como um aspecto acessório, mas como fundamento para a construção de um ensino mais completo e humanizado. Ao reconhecer a importância do letramento emocional, a escola deixa de se limitar ao desenvolvimento intelectual

e passa a formar sujeitos mais conscientes de si, capazes de compreender e transformar o mundo em que vivem.

Conflitos viram aula: a escola como espaço de mediação

Ao refletir sobre as lacunas do currículo escolar, percebe-se que a mediação de conflitos ocupa um lugar ainda marginal nas práticas pedagógicas. Embora os conflitos sejam inevitáveis em um ambiente coletivo, a escola frequentemente os trata como episódios a serem eliminados, sem aproveitá-los como ocasiões de aprendizado. Essa postura acaba por reduzir a potência pedagógica do conflito, que pode ser ressignificado como um recurso para ensinar formas de convivência democrática, empatia e autorregulação. Nesse contexto, a ausência de estratégias estruturadas de mediação evidencia um distanciamento entre as demandas socioemocionais dos estudantes e a formação que lhes é oferecida.

Para que essa lacuna seja superada, é necessário compreender o conflito como parte natural da vida social. Diferentes opiniões, valores e interesses coexistem na sala de aula, e ignorá-los não elimina as tensões, apenas as silencia. Como destacam Oliveira e Rolim,

> [...] tendo em vista que a principal estratégia usada na intervenção é proporcionar o diálogo, possibilitando assim a expressão de pensamentos e ideias divergentes e a partir disso iniciar uma comunicação clara, franca, honesta, como forma de mediação dos discursos apresentados, intervindo com uma escuta neutra auxiliando para que seja encontrada uma solução que seja compatível para ambas as partes, de forma que ideias discordantes são confrontadas, o que proporciona uma elaboração do conflito (Oliveira; Rolim, 2020, p. 4).

Essa afirmação reforça que o diálogo precisa ser valorizado como ferramenta pedagógica, permitindo que divergências sejam elaboradas de maneira construtiva. Ao transformar a conversa em espaço de aprendizagem, a escola cria condições para que os estudantes desenvolvam competências como a argumentação respeitosa, a capacidade de escutar pontos de vista diferentes e a disposição para buscar soluções conjuntas. Dessa forma, em vez de gerar rupturas e afastamentos, os conflitos passam a ser ressignificados como oportunidades de crescimento coletivo, fortalecendo tanto a convivência escolar quanto a formação cidadã.

Nesse processo, a atuação do professor é determinante. Sua autoridade deve ser exercida sem resvalar em práticas autoritárias, repressoras ou violentas. Em outras palavras, o educador deve assumir uma postura orientadora, mediadora e promotora de paz, em vez de recorrer a medidas disciplinares que apenas intensificam tensões (Oliveira; Rolim, 2020). Assim, a autoridade pedagógica ganha novo sentido: ela não está em impor silenciamento, mas em criar condições para que os estudantes aprendam a resolver problemas por meio do diálogo.

Além disso, a mediação contribui para a transformação das relações interpessoais. De acordo com Oliveira e Rolim,

> [...] a mediação pode ser compreendida como um procedimento em que as partes participantes contam com o auxílio de uma pessoa com um alto grau de imparcialidade, denominada mediador, que passa a focalizar as questões sobre

> o qual acontece a disputa, com vistas a criar alternativas para que seja possível estabelecer um acordo que seja mutuamente aceitável. Assim, a mediação pode gerar uma ressignificação das relações pessoais, assim como pode resultar em outras formas de cooperação, de solidariedade e confiança (Oliveira; Rolim, 2020, p. 12).

Essa definição demonstra que a mediação não apenas resolve impasses imediatos, mas também fortalece vínculos, favorece a solidariedade e ajuda os alunos a internalizarem práticas de cooperação que extrapolam o espaço escolar. Ao vivenciarem processos mediados, os estudantes aprendem a lidar com divergências de forma mais equilibrada, desenvolvendo competências que poderão ser utilizadas em diferentes contextos de suas vidas. Além disso, ao experimentarem a corresponsabilidade na busca por soluções, passam a compreender o valor da coletividade, reconhecendo que os acordos construídos em conjunto promovem maior senso de justiça, respeito e confiança mútua. Assim, a mediação deixa de ser apenas uma técnica de resolução de conflitos e se torna uma prática formativa que prepara os indivíduos para a participação cidadã em uma sociedade plural e democrática.

Nesse sentido, a escuta ativa surge como um princípio fundamental para o êxito da mediação. Conforme destacam Monteiro e Quixadá (2023, p. 11), "a escuta ativa é fundamental para a escola, por meio da escuta conseguimos entender as necessidades dos alunos e pais para construir uma escola mais acolhedora e humana." Ao praticar a escuta genuína, o educador abre espaço para compreender os estudantes em suas necessidades mais profundas, estabelecendo vínculos de confiança que favorecem a colaboração e o engajamento. Essa postura confirma a ideia de que o professor que aprende a ouvir pacientemente seus alunos tende a conquistar maior participação e envolvimento da turma, o que fortalece o ambiente educativo (Monteiro; Quixadá, 2023).

Além disso, a escuta ativa não beneficia apenas a relação professor-aluno, mas também atua diretamente no desenvolvimento pessoal dos estudantes. Quando são ouvidos com atenção e respeito, tornam-se mais maduros emocionalmente, mais receptivos às experiências, menos defensivos e mais predispostos a participar de forma democrática das decisões coletivas (Monteiro; Quixadá, 2023). Essa prática transforma a escuta em uma ferramenta pedagógica de grande impacto, capaz de alterar comportamentos e ampliar horizontes de convivência.

Desse modo, a mediação de conflitos precisa ser entendida como parte integrante do currículo socioemocional. Práticas como a comunicação não violenta, os jogos de papéis, a elaboração coletiva de contratos de convivência e o treino da escuta ativa não apenas previnem situações de violência escolar, mas também oferecem aos estudantes instrumentos para lidar com desafios futuros, seja em suas trajetórias pessoais, seja no exercício da cidadania. Além disso, tais estratégias promovem a construção de uma cultura escolar que valoriza a paz, a solidariedade e a responsabilidade compartilhada.

Portanto, transformar conflitos em aula significa ressignificar o lugar do dissenso no ambiente educativo. Em vez de tratá-lo como falha disciplinar, a escola o reconhece como

oportunidade de aprendizagem, permitindo que os alunos experimentem, na prática, o valor do diálogo, da cooperação e da empatia. Dessa forma, o currículo amplia sua função, indo além da dimensão cognitiva e oferecendo condições para a formação de sujeitos socialmente conscientes, capazes de lidar com diferenças de forma ética e responsável.

Habilidades de relacionamento: comunicação, cooperação e vínculos saudáveis

Após refletir sobre a mediação de conflitos no capítulo anterior, torna-se evidente que o desenvolvimento de habilidades de relacionamento é um passo essencial para que tais práticas ganhem efetividade. A resolução de conflitos não ocorre de forma isolada, mas está profundamente vinculada à capacidade de comunicar-se com clareza, ouvir ativamente, colaborar em grupo e construir vínculos de confiança. Dessa forma, a promoção dessas habilidades representa um caminho para que a escola avance de uma postura reativa, centrada apenas na resolução de impasses, para uma postura preventiva, que prepara os alunos para lidar de maneira saudável com as complexidades das interações humanas.

Nesse contexto, Elias e Amaral (2016, p. 50) lembram que muitas são as definições de habilidade sociais (HS) encontradas na literatura. "Tais habilidades dizem respeito a comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, conforme parâmetros típicos de cada contexto e cultura." Essa compreensão amplia o debate, pois demonstra que as habilidades de relacionamento não são universais ou rígidas, mas variam de acordo com o ambiente em que são exercidas, exigindo da escola sensibilidade para trabalhar tais competências em diálogo com as experiências concretas dos estudantes.

Além disso, ao relacionar esse aspecto com a mediação de conflitos já discutida, é possível perceber que habilidades como empatia, assertividade e cooperação não apenas favorecem a solução de divergências, mas também atuam preventivamente, reduzindo a ocorrência de atritos e fortalecendo as relações interpessoais. Como indicam os mesmos autores, o treino dessas competências não se limita a ampliar o repertório comportamental das crianças, mas também impacta diretamente a dimensão acadêmica. Afinal,

> [...] considerando que o diferencial do treino de HS não está somente em promover ou aprimorar o repertório de HS nas crianças, mas também em gerar impacto positivo no desempenho escolar. Acredita-se que o treino em HS gera nas crianças maior capacidade de atenção, reflexão, empatia, cooperação e resolução de problemas (Elias; Amaral, 2016, p. 57).

Esse dado confirma que a integração das habilidades socioemocionais ao currículo é benéfica tanto para a convivência quanto para o rendimento escolar. Ao articular aprendizagens emocionais e relacionais com os conteúdos acadêmicos, a escola promove um ambiente mais equilibrado, no qual os estudantes conseguem se engajar de forma significativa com as tarefas e, ao mesmo tempo, aprimorar a forma como se relacionam com os colegas e professores. Dessa maneira, o desenvolvimento socioemocional não se apresenta como algo paralelo ou secundário,

mas como um fator que potencializa a aprendizagem formal, favorecendo tanto o clima escolar quanto os resultados pedagógicos.

Cabe destacar que os programas de desenvolvimento socioemocional organizam-se, muitas vezes, em etapas voltadas tanto às habilidades prévias quanto às diretamente relacionadas à resolução de problemas. Nesses processos, trabalham-se aspectos como empatia, autocontrole e assertividade, considerados fundamentais para a cooperação e para a busca de soluções conjuntas (Elias; Amaral, 2016). Dessa forma, compreende-se que as habilidades de relacionamento constituem um alicerce que sustenta práticas pedagógicas mais amplas, como a mediação de conflitos e a construção de ambientes colaborativos.

Ao relacionar essas contribuições com os autores discutidos anteriormente, observa-se uma convergência: enquanto Oliveira e Rolim (2020) enfatizam o diálogo e a escuta neutra como instrumentos para mediar conflitos, e Monteiro e Quixadá (2023) destacam a escuta ativa como via para criar vínculos de confiança, Elias e Amaral (2016) apontam que o treino sistemático de habilidades de relacionamento potencializa tais práticas e amplia seus efeitos. Em outras palavras, a mediação de conflitos só se torna plenamente eficaz quando sustentada por competências socioemocionais que viabilizem uma comunicação respeitosa e a colaboração entre pares.

Assim, entende-se que o investimento em habilidades de relacionamento ultrapassa a ideia de uma estratégia pontual de intervenção. Ele constitui, de fato, um eixo estruturante para a educação socioemocional, capaz de favorecer não apenas a convivência escolar, mas também a formação de sujeitos preparados para atuar em uma sociedade que exige cooperação, diálogo e responsabilidade compartilhada.

Resultados e discussões

Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que o currículo escolar, ao privilegiar os aspectos cognitivos em detrimento das dimensões socioemocionais, apresenta fragilidades no desenvolvimento integral dos estudantes. A análise das produções indica que práticas como o letramento emocional, a mediação de conflitos e o treino sistemático de habilidades sociais favorecem não apenas a regulação afetiva, mas também a qualidade das interações em sala de aula. Assim, confirma-se que a escola, ao investir em competências socioemocionais, cumpre de modo mais pleno sua função formadora, articulando aprendizagem acadêmica e convivência cidadã.

O significado dessas descobertas encontra sustentação em pesquisas que apontam para a relação direta entre a identificação das emoções e a melhoria da convivência escolar. Estudos indicam que, ao nomear sentimentos e reconhecer suas próprias reações, os estudantes ampliam a capacidade de compreender os outros e de responder de forma empática a diferentes situações (Schwartz; Lopes; Veronez, 2016). Essa constatação reforça a importância do trabalho intencional

com o vocabulário emocional, pois possibilita maior consciência de si e do outro, impactando positivamente o clima escolar.

De modo semelhante, as práticas de mediação de conflitos mostraram-se eficazes para a promoção de ambientes mais colaborativos. De acordo com Oliveira e Rolim (2020), quando o professor adota uma postura mediadora, fundamentada no diálogo e não em ações autoritárias, cria-se uma cultura de paz capaz de transformar divergências em aprendizagens significativas. A escuta neutra e a imparcialidade, defendidas pelos autores, revelam que a mediação vai além da resolução pontual de impasses, constituindo-se como recurso pedagógico que favorece a cooperação e fortalece os vínculos.

Os achados também convergem com a ênfase dada à escuta ativa. Pesquisas recentes destacam que a capacidade de ouvir os estudantes com paciência e criticidade fortalece a confiança, aumenta a colaboração em sala de aula e promove vínculos que tornam a escola mais acolhedora (Monteiro; Quixadá, 2023). Esse resultado dialoga com a constatação de que os alunos se engajam de maneira mais efetiva quando se sentem respeitados e reconhecidos, ampliando, consequentemente, seu rendimento acadêmico.

No que diz respeito às habilidades sociais, verifica-se que elas desempenham papel decisivo no fortalecimento das práticas socioemocionais. Elias e Amaral (2016) assinalam que essas competências não apenas favorecem a convivência interpessoal, mas também impactam diretamente o desempenho escolar, ao estimularem atenção, reflexão e cooperação. Em suas análises, os autores afirmam ainda que programas estruturados de desenvolvimento de habilidades sociais contemplam tanto competências prévias quanto habilidades específicas de resolução de problemas, abrangendo empatia, autocontrole e assertividade como pilares do processo (Elias; Amaral, 2016). Esse dado reforça a percepção de que o ensino socioemocional atua como eixo estruturante do currículo, e não como mero complemento.

Apesar das contribuições, algumas limitações se mostram relevantes. A implementação dessas práticas ainda encontra barreiras na formação docente, muitas vezes insuficiente para lidar com situações de ordem emocional, bem como nas restrições do currículo formal, que tende a privilegiar conteúdos avaliados em exames externos. Pesquisas apontam que iniciativas socioemocionais, quando aplicadas de forma pontual ou descontinuada, têm impacto reduzido, o que indica a necessidade de políticas institucionais que garantam continuidade e coerência nas ações (Oliveira; Rolim, 2020; Monteiro; Quixadá, 2023).

Outro ponto a ser considerado refere-se a resultados inesperados, como a resistência de alguns estudantes em participar de atividades de expressão emocional. Tal fenômeno pode ser explicado pela predominância de uma cultura escolar voltada à dimensão cognitiva, em que a valorização do desempenho acadêmico se sobrepõe à legitimação das emoções (Schwartz; Lopes; Veronez, 2016). Essa resistência, entretanto, não invalida a relevância das práticas, mas evidencia a necessidade de maior sensibilização da comunidade escolar para a importância do socioemocional.

À luz dessas reflexões, sugere-se que novas pesquisas explorem a eficácia de programas socioemocionais em contextos culturais diversos, considerando variáveis como gênero, faixa etária e realidade socioeconômica. Também se faz necessário investigar formas de integrar o socioemocional às disciplinas tradicionais, garantindo que essas competências não sejam tratadas como conteúdos isolados, mas transversalmente articuladas ao currículo (Elias; Amaral, 2016). Ademais, estudos futuros poderiam acompanhar os efeitos de longo prazo dessas práticas, verificando sua contribuição para a formação de sujeitos mais empáticos, críticos e socialmente responsáveis.

Conclusão

A análise realizada permitiu evidenciar que os objetivos propostos pelo estudo foram atendidos, ao demonstrar as lacunas do currículo escolar no que se refere ao desenvolvimento das competências socioemocionais e ao apresentar possibilidades concretas para suprir tais necessidades. Ao longo do trabalho, verificou-se que a ausência de práticas intencionais voltadas ao letramento emocional, à mediação de conflitos e ao treino sistemático de habilidades sociais compromete o desenvolvimento integral dos estudantes, restringindo a escola ao domínio puramente cognitivo. Por outro lado, quando a instituição educativa assume o compromisso de integrar essas dimensões ao cotidiano pedagógico, amplia-se a capacidade dos alunos de identificar e nomear sentimentos, lidar de forma construtiva com divergências e estabelecer vínculos saudáveis baseados no diálogo, na empatia e na cooperação. Esses elementos, conforme discutido, não apenas favorecem a convivência democrática no ambiente escolar, mas também fortalecem o engajamento acadêmico, indicando que o socioemocional não deve ser tratado como conteúdo periférico, mas como fundamento para um ensino mais completo e humanizado.

Além disso, o estudo possibilitou compreender que a formação docente e as políticas institucionais representam aspectos decisivos para a efetividade dessas práticas, uma vez que a escuta ativa, a comunicação não violenta e os programas de desenvolvimento socioemocional só alcançam resultados duradouros quando há coerência, continuidade e intencionalidade pedagógica. Reconhecer que os conflitos podem se transformar em aprendizagens, que a escuta é elemento essencial para a construção de vínculos e que as habilidades sociais sustentam o desenvolvimento de competências mais amplas reforça a ideia de que o socioemocional deve atravessar todas as áreas do conhecimento. Assim, estimula-se que mais pesquisas sejam realizadas sobre o tema, especialmente em diferentes contextos socioculturais, de modo a aprofundar a compreensão sobre os efeitos de longo prazo dessas práticas e a indicar estratégias de implementação que considerem as especificidades de cada realidade escolar. Desse modo, reafirma-se que investir no desenvolvimento socioemocional dos estudantes é condição indispensável para a construção de uma educação integral, que prepara sujeitos mais conscientes, críticos e capazes de atuar em uma sociedade plural e democrática.

Referências

ELIAS, L. C. dos S.; AMARAL, M. V. Habilidades sociais, comportamentos e desempenho acadêmico em escolares antes e após intervenção. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 1, p. 49-61, 2016.

MONTEIRO, C. M. F. dos S.; QUIXADÁ, L. M. Reflexões sobre a empatia e a escuta ativa no contexto escolar. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 5, e11420, p. 1-17, 2023.

OLIVEIRA, R. S. de; ROLIM, P. D. da S. A mediação de conflitos no ambiente escolar: um olhar da psicologia. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 4, e199932773, p. 1-16, 2020.

SANTANA, A. C. de A.; NARCISO, R. Pilares da pesquisa educacional: autores e metodologias científicas em destaque. **ARACÊ**, v. 7, n. 1, p. 1577-1590, 2025.

SANTANA, A. C. de A.; NARCISO, R.; FERNANDES, A. B. Explorando as metodologias científicas: tipos de pesquisa, abordagens e aplicações práticas. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, e13333, 2025.

SCHWARTZ, F. T.; LOPES, G. P.; VERONEZ, L. F. A importância de nomear as emoções na infância: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 637-639, 2016.